

NRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO (ADAPTAÇÃO CNFCP)		CÓDIGO DA FICHA					
		MA	01	00	04	F40	01
		UF	Sítio	Loc	ANO	FICHA	No.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Maranhão
LOCALIDADE	São Luís e Baixada Ocidental Maranhense
MUNICÍPIO / UF	São Luís, Viana, Penalva, Santa Helena, Guimarães, Mirinzal, Cururupu, Central do Maranhão, Cedral, Pinheiro, Presidente Sarney.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Autos e matanças		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Comédia, palhaçada, doidice, morte-de-terreiro, morte-de-levantar		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

Obs.: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver *Anexo 4: Contatos*.

Obs.: Este campo foi alterado de modo a designar os principais executantes das performances cômicas do bumba-meu-boi, os palhaços e padrões de bois que informaram sobre matanças, autos e comédias para fins deste inventário. Além destes, há ainda outros personagens, entre eles vaqueiros, índios, índias e cazumbás, que também podem tomar parte nas referidas performances. No entanto, pelo destaque das funções dramáticas executadas pelos primeiros, apenas eles são contemplados aqui.

NOME/ DATA DE NASCIMENTO	José Ribamar da Hora (1921-), José Maria Moreira (1963-), Elídio Brito (1988-), Raimundo Brito Correia (1986-), Valdinar Barbosa Araújo (1960-), Wanderson Carlos Pereira da Hora (1991-), Raimundo Rodrigues (1940-), Lourinaldo de Jesus Ferreira (1979-), Luís Mauro Alves Silva (?-), Antônio Vieira (1933-), Valter Silva (1938-), Guilherme Fernandes (1937-), Carlos Augusto dos Santos (1950-), José Hipólito (1946-), Herbert Mafra Reis (1936-)		☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Palhaço, palhaceiro, chefe-de-matança, palhaço-chefe, Pai Francisco, Chico, Nêgo Chico, Mãe Catirina, Catirina, Cazumba, Cazumbá - brincantes que interpretam papéis cômicos no Bumba-meu-boi.		
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO	☐ PRODUTOR ☐ VENDEDOR	☐ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	04	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME/DATA DE NASCIMENTO	José Sinésio Mendonça (1948-), José Lauro Ferreira (?-), Domingos Serra Mendonça (1933-), Benedito Soares (?-), João Batista Cunha Silva (1961-), Raimundo Lima (1947-), José Goulart (1928-), Marcelino Azevedo (1940-), Maria José Queiroz (1951-), Alda Maria Pereira (1968-)	☒ MASCULINO ☒ FEMININO	
Ocupação	Donos, amos, patrões de bumba-meu-boi – brincantes que interpretam o dono da fazenda e do boi.		
Relação com o Bem	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☒ OUTRO Os homens mencionados atuam como amos, patrões, donos das fazendas e dos bois representados nas performances. As mulheres mencionadas são donas e organizadoras de grupos de Bumba-meu-boi, mas não executam funções dramáticas na brincadeira.		

4. FOTOS

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.



Fotos 01 e 02: Cenas de matanças do Bumba-meu-boi de Emídio.



Fotos 03 e 04: Cenas de matanças do Bumba-meu-boi de Mário Campelo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Trata-se de performances cômicas elaboradas a partir de narrativas associadas ao universo simbólico do Bumba-meu-boi. Ocorre, paralelamente à dança e à música executadas pelos grupos de boi, uma espécie de teatro cômico popular que consiste na encenação de pequenas tramas envolvendo temas, personagens e motivos de escolha relativamente livre. Entre essas tramas, destaca-se a que se consagrou chamar de “auto do boi”, a qual, em suas muitas variantes, encontra-se disseminada, sob diversas rubricas, na tradição oral e escrita de nosso País, como parte de um mesmo e único ciclo mítico. Em linhas gerais, o mito refere-se ao drama de morte e ressurreição de um boi especial, animal muito precioso e querido pelo fazendeiro seu dono, ao qual este e seus empregados dispensam os maiores cuidados. Certo dia, um escravo da fazenda, chamado Pai Francisco ou Nêgo Chico, atendendo aos incessantes apelos da esposa Catirina, decide matá-lo e arrancar-lhe a língua, iguaria com a qual ela satisfaz seus desejos de mulher grávida. Descoberto o crime, Chico é perseguido pelos homens do fazendeiro, auxiliados pelos índios, exímios conhecedores da terra. Quando capturado, é submetido a terríveis castigos físicos e, para não pagar com a sua a vida tirada do boi, é forçado a trazê-lo de volta ao convívio da fazenda. Nessa tarefa árdua, recebe ajuda de doutores e pajés, até que, finalmente, depois de tentar muitos artifícios, faz com que o animal ressuscite, para alegria geral e alívio de suas punições.

Verifica-se, no entanto, que não há hoje, nem parece ter havido em outros tempos, homogeneidade na trama que é representada, na medida em que não só variam as versões do drama de morte e ressurreição do boi, como também ele se articula ou dá lugar a outros dramas, que são igualmente trazidos à cena da brincadeira, independentemente de manter ligação direta com o tema básico da perda iminente do precioso animal. No âmbito deste inventário, foram registradas tantas variações daquele relato quantas tramas criadas a partir de experiências do presente ou do passado próximo dos brincantes, sem qualquer relação evidente com o chamado “auto do boi”. Tais tramas, conhecidas como, matanças, comédias, palhaçadas, doidices, morte-de-terreiro ou morte-de-levantar, referem-se a fatos reais ou fictícios, ocorridos, presenciados, imaginados ou sonhados no cotidiano dos brincantes, principalmente no interior do Estado. Constituem pequenas histórias cômicas elaboradas coletivamente pelos sujeitos associados na brincadeira, embora a maior parte da atividade dramática seja concentrada pelos personagens dos palhaços, conhecidos também como palhaceiros, Pais Franciscos, Catirinas, chefes da matança ou da palhaçada. São eles que, de fato, selecionam, elaboram e executam as performances a partir dos fatos, em alguma medida, experimentados pela coletividade de que participam, atuando assim como espécies de porta-vozes do grupo.

De um modo geral, essas performances, além de cumprir uma finalidade cômica, são acionadas como dispositivos para tematizar relações, elogiar ou satirizar pessoas e dramatizar afinidades ou conflitos reais, transpondo-os para o plano simbólico da brincadeira. Baseadas em construções livres, permanecem abertas a uma grande parcela de improvisação e prestam-se à comunicação de mensagens e significados os mais diversos. Privilegiam, no entanto, temas com apelo ao riso, como o engano, a vingança, o erro, as fraquezas e os desvios que acometem os personagens das tramas.

Tradicionalmente, os autos e matanças fazem parte da brincadeira, mas, hoje em dia, dependendo do local, eles nem sempre são encenados. Em São Luís, normalmente a encenação é eliminada das apresentações contratadas para animar os arraiais da cidade, freqüentados por público diversificado: desde brincantes e pessoas da cidade, até turistas estrangeiros que pouco chegam a compreender do que é encenado. No interior, sobretudo nas regiões de Guimarães, Viana e Cururupu, por outro lado, as matanças e comédias ainda são muito apreciadas e atraem espectadores das próprias comunidades dos brincantes e de localidades próximas.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A performance não está relacionada a um local em especial. Ela pode ocorrer onde quer que haja uma brincadeira de Bumba-meu-boi.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Os grupos se apresentam diante de casas de particulares ou em espaços públicos como ruas e praças, em arraiais juninos ou não.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO**

Se o Bumba-meu-boi é convidado a brincar na casa de uma pessoa, esta é a responsável por organizar o local para receber o grupo. Se o Boi brinca num espaço público, normalmente os organizadores da festa, o dono ou o responsável pela turma de brincantes, é que cuidam do espaço, com ajuda dos regentes da brincadeira.

Para algumas apresentações, há grupos que providenciam um cercamento do espaço onde as performances vão ser encenadas, e a entrada do público nesse espaço - chamado de circo - é cobrada e controlada pelos regentes da brincadeira.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

As performances cômicas acontecem durante as apresentações ou brincadas dos grupos de Bumba-meu-boi, especialmente entre os dias 23 e 30 de junho, mas também em outras datas, em função de contratos ou pagamento de promessas.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

Deste campo constam informações genéricas sobre o conjunto dos entrevistados.

A maior parte dos palhaços e amos de Bumba-meu-boi entrevistados vive no interior do Estado, tem pouca instrução e trabalha na lavoura - de mandioca, arroz, feijão, milho etc. - e na pesca.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES.**

As origens das performances cômicas do Bumba-meu-boi do Maranhão, assim como da própria brincadeira, são bastante controvertidas: para alguns o Bumba-meu-boi maranhense constituiria uma expressão particular de um fato cultural universal (Azevedo Neto, 1997); para outros, estaria associado à expansão do gado pelo Nordeste, ainda no século XVII, a partir do Estado do Piauí, através de uma trilha que transpôs o Rio São Francisco e o Parnaíba (Reis, 2000).

A primeira referência que se faz à brincadeira do Boi no Maranhão é a crítica assinada por “Um Amigo da Civilização” no Jornal O Imparcial, de 15 de junho de 1861: “Quando uma grande parte da população se empenha por fazer desaparecer os busca-pés, por serem fatais, concede-se licença para o estúpido e imoral folguedo de escravos, denominado bumba-meu-boi...” (in Prado, 1977:118).

Segundo Marques, o “auto popular” teria surgido no litoral nordestino ainda na segunda metade do século XVII, como um “meio de comunicação oral dos índios, escravos, crioulos, mamelucos e mestiços”, uma forma de crítica social que dá voz à revolta dos segmentos mais oprimidos da sociedade escravista do Brasil colonial (Marques, 1999:54-55).

Sendo um festejo que, originalmente, aglutinou principalmente negros, mestiços e homens pobres em geral, numa sociedade hierárquica fortemente marcada pela mentalidade escravocrata, o bumba-meu-boi do Maranhão foi incessantemente criticado por boa parte das elites locais, durante quase toda a sua longa história.

Identificado como um “folguedo oposto à boa ordem, à civilização e à moral” (“Um amigo da Civilização” in Prado, 1977), foi duramente rechaçado, também, pelo forte conteúdo satírico, irreverente e contestador de suas mensagens, dirigidas principalmente contra as figuras mais eminentes da sociedade. Perseguido, chegou até a ser proibido e reprimido pela polícia, entre os anos de 1861 e 1868.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Foi somente dentro de um processo relativamente recente de valorização de seu universo popular, envolvendo diversos setores da sociedade e do Estado, que esse festejo e seus responsáveis começaram a ter sua importância reconhecida no panorama cultural maranhense. Nesse sentido, devem ser assinaladas as ações que vêm sendo implementadas, especialmente a partir da década de 70, com o objetivo de promover e divulgar o Bumba-meu-boi como atração principal do rico repertório de manifestações culturais populares do Maranhão. Essas ações têm conjugado representantes da brincadeira e dos poderes políticos estabelecidos, além de mediadores entre eles, e têm contribuído, eficazmente, para que o Boi venha alcançando crescente visibilidade como carro-chefe do folclore maranhense (Azevedo Neto, op.cit.; Carvalho, op.cit.; Marques, op.cit.; Reis, op.cit.). Atualmente, a brincadeira constitui a maior e mais importante comemoração do atribulado calendário de festas populares do Estado, tanto em termos de mobilização da sociedade local, quanto em relação à projeção que vem obtendo em escala nacional (Araújo, 2001; Azevedo Neto, 1997; Carvalho, 1995; Marques, 1999).

O fato é que hoje a brincadeira já atinge diversas camadas da população e movimenta somas consideráveis, em diferentes setores da cultura e da economia: no turismo, na indústria fonográfica e na produção e comercialização de diversificado artesanato associado ao Boi. Sem contar os demais produtos que circulam durante suas festividades, como comidas e bebidas típicas e outros souvenirs. Inegavelmente, vem tomando o porte de um verdadeiro espetáculo de massa.

Por outro lado, diversos autores apontam que as recentes tendências de comercialização do Boi como espetáculo de massa vêm impondo contínuas transformações ao que evoluiu de uma brincadeira - séria, porém brincadeira - para tornar-se um grande empreendimento, uma verdadeira empresa em muitos casos. Adaptações fizeram-se necessárias e os grupos cederam a novos padrões espaciais, temporais e estéticos: as longas performances tradicionalmente realizadas dentro das comunidades de brincantes vêm, cada vez mais, cedendo lugar a curtas apresentações públicas em palcos urbanos, para grandes platéias ávidas por diversão, música e dança, em detrimento do drama (Azevedo Neto, 1997; Carvalho, 1995; Marques, 1999).

A versão é corrente e consensual pelo Maranhão de que há um progressivo desprezo pelas encenações dramáticas no Bumba-meu-boi. Buscam-se justificativas para o fato tanto em motivações comerciais - como grande parte das apresentações, atualmente, submete-se a contrato e pagamento, a realização de várias exposições curtas de dança e música, no lugar de poucas e demoradas performances dramáticas, tem constituído uma estratégia mais rentável e interessante para a maioria dos grupos de Bumba-meu-boi - quanto numa suposta incapacidade dos brincantes atuais realizarem as performances, pelas quais, aliás, o público também teria perdido o interesse. Como resposta a esse processo, que foi caracterizado como um "rompimento com a tradição, imposto pela ausência do auto e conseqüente perda de alguns personagens, algumas atitudes e, principalmente, de toda a concepção maranhense do bumba" (Azevedo Neto, op.cit., 103-104), esboçam-se reações no sentido de recuperar e/ou preservar o referido 'auto do boi' no contexto das apresentações, inclusive através da implementação da obrigatoriedade de sua encenação como cláusula dos contratos firmados com as secretarias estadual e municipal de cultura e de turismo.

No centro dessa polêmica, é preciso lembrar que o 'auto' que se pretende resguardar constitui apenas uma possibilidade narrativa, das muitas que tem a brincadeira. Entre os discursos da perda e da recuperação, vale insistir que as performances cômicas do Bumba-meu-boi não se limitam a repetir a já mencionada narrativa mítica da morte

e ressurreição do boi, mas baseiam-se também em outras inúmeras tramas, livremente elaboradas pela criatividade popular. Essas sim, contrariando as previsões mais pessimistas de que "o Bumba-meu-boi maranhense está se descaracterizando a um tal ponto que a sua própria classificação como dança dramática, num futuro não muito distante, talvez não seja mais possível" (Azevedo Neto, op.cit, p.96) , ainda que fora dos grandes palcos, não deixam de se renovar, ano a ano, seja nos ensaios ou nas apresentações sem compromisso comercial de bois do interior e da capital.

Abaixo, seguem trechos de depoimento de Herbert Mafra Reis, Pai-Francisco do Bumba-meu-boi da Fé em Deus (São Luís, MA, 2002) sobre as origens e significados das performances cômicas do Bumba-meu-boi:

"O Bumba-meu-boi nasceu da fé. Dum homem. Na época ele era escravo, ele nasceu na senzala e depois ele foi escolhido e de lá tornou-se vaqueiro. Toda vez que ele ia tirar o leite da vaca, então ele falava com São João: 'Meu São João, o serviço que eu tenho é pra tirar de uma minha'. Com isso ele ganhou uma [vaca] e recebeu uma carta de alforria. Ele era uma pessoa muito devota de São João, esse rapaz. E lá na fazenda existia, o dono da fazenda tinha num quarto um oratório, como se chamava na época, que tinha todos os santos e São João era o padroeiro. E tudo que acontecia ele ia lá, rezava, pedia pra São João. Foi daí que nasceu a idéia do Bumba-meu-boi.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Foi uma promessa. O meu avô me explicou que, quando aquela vaca desse dez crias, ele ia matar um [boi] pra comemorar junto com os irmão e rezar uma ladainha pra fazer essa comemoração. E um [boi] ele ia colocar pra assistir essa ladainha. Quando ele estava próximo a pagar a promessa, ele falou lá com o patrão dele e ele não concordou que ele fizesse. Então, quando deu, ele fez e nessa comemoração, quando eles tavam nessa comemoração, bebendo, ele cantando e os vaqueiros da fazenda se encontraram e começaram a cantar verso, fazer verso atrás do outro. E daí no outro ano o patrão chamou eles pra continuar e o boi não foi tão criticado. Ele preparou um boi assim com uma vara. Fez uma armação e fez o boi pra botar pra São João. Então, o boi comemorando e cantando. E daí no outro ano surgiu a idéia de ele manter. E foi daí que nasceu o boi. Então, o dono, o patrão dele achou que deveria criar o auto da brincadeira pra colocar nesse auto tudo que aconteceu na fazenda, esse casal que eram pobre, era escravo, Catirina que atirou no boi ...' Graças a São João".

"No auto da brincadeira, lá no interior, lá se faz uma promessa pra São João. Na época que você vai pagar essa promessa, você vai contar pro cabeceira, que é o cantador, como foi feita a sua promessa, porque é pra ele fazer uma pedida pra mostrar, pra dar o seu testemunho. São João, Deus, ele não precisa de ninguém, precisa de testemunha, tá entendendo? Então você ia contar o porquê daquela promessa. E ele ia fazer a cantoria dele. E eu como Pai Francisco ia ouvir pra fazer o auto. É. Porque se você, digamos assim, se você tem que fazer uma promessa, você vai fazer um vestibular, então você diz assim, faz uma promessa pra São João. Se você passar, conseguir se formar sem dificuldade, quando você se formar você daria um boi pra São João. Daí você dá o boi pra fazer a brincadeira. Fala com a pessoa que toma conta daquele grupo, o cabeceira que tem aquele grupo e aí ele vai fazer. Vai pagar tua promessa. Você manda fazer um boi pra homenagear São João e agradecer pelo que você conseguiu. E aí o que que acontece? Eu vou ouvir como Pai Francisco e ele como cabeceira. E ele, como cabeceira, vai fazer, digamos assim: você, que é uma jornalista, o seu dever é publicar aquilo que você procura em mim, aquilo que eu peço pra você publicar. Justamente é essa a missão do cabeceira, publicar, ou levar ao público o porquê, o que foi que lhe levou a dar testemunho do amor e do milagre de São João. Aí ele faz a cantoria dele e eu vou fazer a matança. (...) O Pai Francisco tem que ser isso, nós temos que ser isso. Porque se a gente for fazer num teatro, uma novela, por mais que não preste todo mundo acha aquilo... E no Bumba-meu-boi não, a gente não é conhecido e a nossa missão é essa. Pra arrancar sorriso, aplauso. E eu me sinto feliz porque às vezes você tá triste, em casa, desanimado, e o Boi vai brincar e você sai dali, só daquela situação, num aperreio seu e você chega, representando aquilo ali, então você muda, você sorri, eu lhe faço esquecer aquilo. Então isso pra mim é muito importante e eu me sinto feliz por transmitir alegria pra você e quem sabe ter lhe protegido de fazer uma bobagem. É por isso que eu me sinto feliz por fazer o Pai Francisco".

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

As próprias performances consistem na encenação de pequenas narrativas cômicas, com temáticas e personagens variáveis, as chamadas matanças, comédias, palhaçadas, doidices, autos. As narrativas são representadas na brincadeira do Bumba-meu-boi e renovadas a cada ano. Além de histórias sobre temáticas variadas, encena-se aquela que é considerada o 'auto tradicional' do Bumba-meu-boi, que narra o drama de Pai Francisco que mata o boi do patrão para satisfazer o desejo da mulher grávida, Mãe Catirina, que queria comer língua de boi.

A seguir apresentamos algumas das narrativas inventariadas, tal como relatadas por seus autores e/ou intérpretes:

Matança narrada por Antônio Vieira

Nessa matança tinha 4 mulheres. O rapaz saía pra lá com essas 4 mulheres pra vender. É, ia vender as mulheres. Ia uma porção comprar lá. Eles compravam. Eu chegava, só de carreira. Correndo pra ver se ainda achava alguma, né? Ainda achava uma, uma grande e uma pequeninha assim. Ele procurava lá qual era pra me agradar. Se agradar, é só comprar. Eu não me agradava da grande, porque gastava muito dinheiro pra comprar roupa pra ela. Eu me agradava da menor, né? Aí levava a mulher pra casa; quando chegava lá, a mulher era aleijada, não parava direito, toda... Aí eu ia trazer ela, trazia ela de volta. 'Taí a mulher. Ela não pára, ela é aleijada, ela vira pra lavar as coisas, ela não pára, sempre dançando... Essa eu não quero'. Aí ele me pedia pra fazer uma volta pra ele e aí ficava com a altona. E essa aleijada ele levava. Assim é que é. O problema todo da matança pra fazer.

Matança narrada por Valter Silva

Eu fiz uma matança assim. Eu botei uma filha minha pra estudar em Cururupu. E o nome dela eu botei Cuca. Depois que ela tá no estudo, chega um camarada muito bonitão, pra namorar ela, tudo bem... Aí saía e:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

- Minha filha, tudo bem?
 - Ah, papai, tudo bem. Agora eu quero lhe dar uma queixa.
 - Qual é a queixa, minha filha?
 - Já, papai, ela já tá gestante.
 - Gestante!? Ah, minha filha, eu te botei pra estudar, tu já tá gestante?
 - Ah, papai, já tá gestante.
 - E quem é?
 - Papai, é um senhor...
 - Da onde é esse senhor? É daqui do Brasil?
 - Não, é de fora.
 - Essa não, minha filha. E como é o nome dele?
 - O nome dele era Culhote.
 - Culhote? Ah, minha filha, tá tudo bem. E como é pra mim falar com ele?
 - Ah, papai, ele anda vendendo negócio de ambulante aí pra fora, esse negócio de confecção.
 - Ah, minha filha, mas eu queria é: qual é teu compromisso com ele? É de casar, de que é?
 - Só papai falando com ele.
 - Eu que quero falar com ele.
 - Ele vem chegar amanhã.
 - Amanhã? Então, pode aguardar ele aí. Eu venho aqui amanhã.
- Justamente cheguei. Cheguei, ele tava ressonando no colo de Cuca. Oh, tava lá rrrr rrrrr rrrrrr (roncando).
- Papai, esse que é o moço.
 - Minha filha, eu moro é no Brasil, não é nos exterior. Eu sei o problema nosso aqui no Brasil. O de fora eu não sei. Quer dizer que eu tinha um guarda-costas. Me algema esse camarada aí.
- E ele ressonando. Algemou o pé, algemou a mão.
- Agora, eu vou chamar ele. Eh, Culhote! Eh, Culhote!
 - Ah, ah, eh Cuca!
 - Não é Cuca, é meu pai que quer falar contigo. (ele já algemado)
 - Rapaz, qual é a finalidade tua mais minha filha?
 - Ela já tá se sentindo gestante, ele não mora aqui no Brasil, ele mora nos exterior.
 - Ô rapaz, mas aqui no Brasil a gente casa também. Então, botei minha filha no colégio pra estudar, ela já tá gestante... Quer dizer que tu vai embora, não sei se tu ainda volta... Assim como tu fez minha filha gordinha, eu vou te fazer tu chegar lá nos teus exterior bem gordinho também.
- (Que aqui no interior a gente capa um boi, capa um porco pra engordar, né?)
- Então tu deixa minha filha gorda, vai ficar bem gordinho lá no teu exterior.
- Aí o cabeceira chamava (eu nome é Arrupiado): Vem, Arrupiado, o que o senhor vai fazer com esse moço?
- Eu vou é castrar ele, capar ele. Vou capar ele.
- Ele já tava algemado. Vem cá... Pá, pá e ele:
- Ai, ai, ai.
- Ai, ai, ai, não. Peraí. Pá, pá...
- Era o fim da matança, aí cobria a meia-lua. A gente ria. Eu não ria né? Mas quem tava escutando ria.
- Mostra uma calça comprida da qual pendem duas bolas de panos costuradas, representando os testículos do personagem capado: "este aqui era o grãozinho que eu capava ele. Rapaz, era na hora! Aí eu puxava por aqui, ó.
- Deixou minha filha gordinha aqui, mas eu também vou te deixar.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Eu puxava ele, ele tava deitado, algemado, aí eu ia bater nele. Assim que capa boi: Pá, pá.

- Ai, ai, ai, eu não faço mais.
- Assim mesmo que tu não vai fazer mais. Pá!
- Ai, ai, ai...
- Deixou minha filha gordinha aqui, mas eu também vou te deixar.

Eu puxava ele, ele tava deitado, algemado, aí eu ia bater nele. Assim que capa boi: Pá, pá

- Ai, ai, ai, eu não faço mais.
- Assim mesmo que tu não vai fazer mais. Pá!
- Ai, ai, ai...

A minha toada esse ano dizia assim:

Vaqueiro já me prendeu

Eu não sei o por causa de quê

Hoje eu já tô em questão

Eu já sei o que eu vou fazer

Mas eu já vou

Depressa eu vou me entender

Nem preciso advogado

Eu vou resolver”

“Nessa hora de eu fazer o serviço com ele, ele ia embora e o boi sumia. Nessas alturas, o boi sumia, o patrão mandava me prender pra mim dar conta do boi. Depois da história do namorado, essa outra história. O boi, na hora, desapareceu. Na saída dele (Culhote) o boi também some. Já o patrão tem que mandar o vaqueiro fazer uma campeada pra ver se acha. Ele vai em todo o campo, não acha. Aí tem que mandar prender o chefe. Aí na hora que eles (os vaqueiros) vinham me prender, eu cantava (uma toada narrando a prisão)”.

Matanças narradas por Guilherme Fernandes

Nós fizemos uma matança num boi de verão, em 2001, que eu entrava e ia oferecer remédio. O cabeceira lá procurava que remédio que eu tinha, que eu tava vendendo.

- Tem remédio aqui pra homem, pra mulher, tem remédio pra tudo aqui.

(Tinha Viagra... Tinha vidro de pinicar pau, moleque seco, só remédio mesmo pra homem.)

- Chega, freguês, o Viagra tá terminando.

(Tinha o Fulano de tal, o Periquito ali que tá velho)

- Só tem uma dose, mas Periquito já me encomendou.

Até nesse dia que nós brincamos ali, a mulher do Periquito passou o pé, e eu tava com a mesa de vidro do lado (a mesa dos remédios). Ela passou o pé, derrubou Viagra, derrubou os remédios. Aí Periquito ficou sem dar trabalho. Já não deu trabalho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Uma vez nós tiramos uma de prender a morte. A morte tava matando muita gente nossa e nós tiramos de prender a morte dentro do saco. Aí esse Rogério, meu sobrinho ali, foi ser a morte. Ele era vestido de roupa mesmo velho do Pai Francisco. A máscara que era feia. Na hora, fizeram a meia-lua e ela entrou. A gente ajeitou, botamos ela dentro do saco, um saco grande de estopa. E amarramos a boca. E aí saía brincando, saía brincando pra lá e o cabeceira botou a toada. Quando ele parou, que nós vimos, a morte tá lá dentro do saco. Nós vinha escutar e ele dizia: 'me tire daqui, me tire daqui, que eu tô morrendo'. E nós saía: 'Eu não tô dizendo que nós te prendia? Que nunca mais ia morrer ninguém enquanto tu tá preso?' E ele que já tava morrendo dentro do saco. Até que quando chegou um vaqueiro pra ouvir que ele tava gritando dentro do saco, pra tirar porque ele tava morrendo. Foi, puxou a faca e cortou a boca do saco, ele saiu com os olhos desse tamanho. Que ele já tava morrendo já. Ah, passou mais. Se demorasse mais, ele ia morrer mesmo.

Matanças narradas por Carlos Augusto Santos

Eu entrava na brincadeira (meu papel era de palhaço (P), o cabeceira (C) mandava pro vaqueiro que eu não podia entrar, não podia participar da brincadeira. Eu procurava (perguntava) por quê. Ele disse que lá a propriedade era dele e eu não podia entrar pra interpretar a brincadeira. (segue o diálogo abaixo)

P: Olha, meu amigo, você tá falando com uma pessoa que você não sabe também quem é.

C: Quem você é?

P: Eu sou um empresário.

C: E o que é que você tá vendendo?

P: Eu tô vendendo quenga.

C: Siô, o que significa quenga?

P: Meu amigo, você tá muito parado no mundo. Você não sabe o que é quenga não? Você não assiste televisão? Em que mundo é esse que você tá? Quenga é mulher hoje que a gente trata. Nos bordéu hoje... Você nunca assistiu aquela novela?

C: Eu não me ligo em novela, eu me ligo em jornal.

P: Você tá certo que o jornal é que informa, mas através disso aí você também tem que assistir porque quenga hoje é o que o pessoal trata.

C: Mas, meu amigo, aqui não é lugar disso.

P: Eu também tô vendendo fita de reggae.

C: Eu não quero comprar fita porque isso é pra juventude.

P: Mas, meu amigo, hoje se você tá aqui e não tem assistência, através de uma fita de reggae você pode adquirir uma assistência. Você quer comprar um gol?

C: Que tipo de gol você tá vendendo?

P: Eu vendo gol de Pelé, gol de Zico, de Maradona...

C: Você não vai vender mulher.

P: Eu vou lhe provar se eu vou vender ou não.

Eu chegava e anunciava que tinha mulher pra vender. Entrava o primeiro (outro palhaceiro).

P: Estou vendendo quenga. Essa aqui é Judite, essa é Princesa e Beleza. (as mulheres eram outros palhaceiros, homens vestidos de mulher)

P2: Qual é que você vai vender?

P: Essa aqui custa 2.000, essa 2.500. Você escolhe a do seu agrado.

P2: Vou ficar com essa daqui porque é baixinha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Agora, no meio dessa história, eu vesti um gay. Ele vinha de calça, mas feição e sapato de mulher. Mas ele se agradava da baixinha que era mulher verdadeira (na história, pois o brincante era homem). Mas era aleijada. De fato, o homem é aleijado dos pés. Aí ele levava esse e ia embora. Chegava outro, comprava a outra. Depois que o outro saía com a aleijada, ele voltava. Depois que ele chegava em casa que ele ia reparar que a mulher era aleijada. Não dava pra ele que a mulher andava toda peçonhenta,

P: Meu amigo, isso é questão sua que escolheu a aleijada.

P2: Mas eu vim pra nós destrocá-lo.

P: Negócio que eu faço eu não destroco. Pra destrocá-lo você tem que me dar mais uma pechincha. Porque essa aqui, Judite, é uma mulher de mais estampa, é uma mulher mais cara.

Nessa hora eu telefonava pra São Luís, pra Betinho (Herbert Mafra Reis, Pai Francisco do Bumba-meu-boi da Fé em Deus), com um celularzinho de criança à pilha. Betinho me comunicando que tinha chegando mais mulher. Eu mandava pra ele aguardar que eu tava terminando a venda, que eu já ia embarcar. A minha propaganda era que as mulheres vinham de São Luís.

P: Bem, já que você veio pra destrocá-lo, eu destroco. Mas é 2.500.

Ele tinha o dinheiro velho, dinheiro antigo. Nessa hora que eu tava vendendo a mulher eu chateava o Manuel, que é primo do Betinho (o cabeceira da brincadeira).

P: Olha taí, boboca. Tu não sabe ganhar dinheiro, agora fica aí com água na boca olhando eu tá metendo meu real no bolso. Mas eu vou te dar uma pechincha pra tu tomar uma cerveja, não ficar com a boca correndo água. Nós destrocava a mulher. Quando chegava em casa, que ele ia procurar carinhar a mulher, mulher sempre que ele ia abraçar ela, ela torcendo de banda, só pra depois, depois. Ele convidava ela pra ir na fonte tomar banho, ela dizia que não, não. Ele não conseguia ter carinho com ela de jeito nenhum. Aí que ele ia descobrir que era um gay. Aí ele voltava, mas nessas alturas eu não tava mais. Aí o Manuel falava:

M: Mas Siô, eu não lhe disse que era pro senhor não entrar nessa? Hoje o pessoal tá tudo como está. Você quer fazer um negócio com um camarada desse! Danou-se. E agora? Aí nessas alturas o gay ficava brabo com ele, porque ele queria largar ele jogado. Nessa hora o Manuel fazia uma meia-lua na brincadeira e acabava a história.

Eu preparei uma velha. Era só eu e ela. A velha era um homem vestido de mulher. Mas só que eu tinha que sair e não tinha quem cuidasse da velha. Então eu procurei um povoado pra mim deixar a velha na mão de uma pessoa. Aí quando eu chegava lá, eu deixava ela entregue na mão de um cabeceira. Ela ficava lá e eu prevenia eles que era pra ter cuidado com ela. Porque ela sempre gostava de meter um grode e aonde ela chegava, ela chegava desbulhando dinheiro e hoje tava cheio de ladrão e eu não queria que me roubassem a velha. A velha era rica e era minha mãe. Eu deixava ela lá. Depois que eu saía, ela caía na brincadeira, ia meter o grode e puxava (ela tinha uma bolsa grande a tiracolo) a bolsa e distribuía dinheiro. Chegava um ladrão pra roubar ela. Aí eles agarravam ele. E ela ia lutar com ele. Ela, velha boa de coice, caía de coice nele. Nessas alturas, que ela tava lutando com ele, eu chegava. A luta era de brincadeira. Eu chegava, agarrava ele, amarrava e mandava ela ir embora. Eu amarrei um grão, bem grande, de pano, fiz mesmo uma ova bem grande e por cima da calça ele vestia. Uma ova do pênis. Nessas alturas eu digo: 'Hoje, no Brasil, o seqüestro virou um emprego. Vagabundos ficam largados na rua, onde eles sabem quem tem o dinheiro, é filha dos outros eles andam seqüestrando. Eles ficam lá com esses reféns e a pessoa tem que pagar o maior dinheiro pra liberar pra poder empregar esse bando de vagabundos. Agora, eu não. Comigo tu vai pra manceta. Eu tinha duas mancetinhas, eu pegava e capava o cara. Eu agarrava e capava ele. Aí era o tempo que acabava o final da história.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

do aparelho, que diz 'Xô pica-pau, xô pica-pau, xô pica-pau, não vai beliscar meu pau'. A vaqueirada do cordão, tudo canta. A gente já representou o 'Alecop' (helicóptero), a burrinha, gargalhada.

Matança narrada por Benedito Soares

Eu chego lá falando com Valdinar (palhaço) pra fazer uma banda. Não, eu falo com os vaqueiros, eles dizem que não podem porque são empregados também, e não podem dar a permissão pra outro fazer essa brincadeira. Eu tô vestido de paletó e uma máscara de plástico. Os vaqueiros vão falar com o cabeceira, o patrão. Aí ele vem falar comigo e me dá a permissão. Ele diz 'então tá bom', aí eu puxo um cheguei e dou pra ele. Aí, se ele gostar, ele manda tocar mais. Aí ele manda avisar e eu chego com meus palhaços, aí quer dizer que é... Dois bichos, Mimo do Gapó e um boizinho. Mimo do Gapó é um boi que traz e o outro bicho é um pica-pau. Aí traz o pica-pau e o boizinho. Aí eu mando a banda tocar pro pica-pau dançar. A banda é só os palhaços mesmos, eles ficam dançando pra acolá. Aí eu boto o pica-pau pra dançar a música do pica-pau, aí eu procuro pra ver se gostou. Aí ele diz que gostou e eu digo: manda brasa. Aí eles já vêm trazendo o Mimo do Gapó pra pagar o boi que nós levamos. Nós faz no meio da dança, se começa 9h, quando é meia-noite, meia-noite e meia os palhaços se vestem pra fazer. Aí representa uma e quando é umas 3h representa a outra. A das 3h é do jacaré. A música do pica-pau é a mesma Morte-de-levantar narrada por Domingos Mendonça

Forma um cordão da diretoria. O Pai Francisco atira e foge. O patrão chama o vaqueiro pra ver o que aconteceu, o vaqueiro diz que não sabe, então chama o rapaz e esse diz que foi Chico. Ele manda o rapaz trazer Chico, mas ele não consegue. O patrão pergunta quem é que consegue e ele diz que só o diretor dos índios. Manda chamar o diretor, ele diz que tem 4 cabocos brabos que podem trazer Chico, mas só vão se forem batizados. O patrão chama um padre que os batiza. Só assim eles vão e trazem Chico, Catirina e o Cazumba. O patrão pergunta por que Chico fez aquilo, então ele diz que queria tirar o fígado do boi pra Catirina comer. O patrão fala que quer ver o boi dele novamente dançando 'Fandangos e Minuetos'. Então Chico chama os doutores, o vaqueiro vai cantar na frente do boi. Os doutores falam que Catirina tem que assoprar na bunda do boi e o patrão diz pra Chico ficar escutando se o boi urra. Na terceira vez o boi urra e todos voltam a dançar.

Morte-de-levantar narrada por José Sinésio Mendonça (entre aspas trechos que são cantados)

Começa 1 hora da manhã. Fazem duas fileiras. 'Guarnece, guarnece, é hora do boi morrer'. Todos os personagens dançam com o boi, cantam e Chico atira no boi. Queria tirar o fígado pra Catirina. 'Atira Chico, atira pra ver se tua arma presta! Chico mata o boi, se tu quer matar! Atira o boi de frente, não perde o arco da testa'. O boi morre. Chico, Catirina e o Cazumba se escondem. 'Chega vaquerama, assegura nosso boi, não deixa cair'. O boi fica cambaleando. 'Corre malhada'. O grupo se reúne. O vaqueiro diz pro amo que o boi morreu. O amo manda chamar Chico. Vai os vaqueiros e depois os rapazes, e ninguém consegue. Então chamam o diretor (índio, caboco-riá). 'Eh meu amo Chico me atirô, ô nem bala nem chumbo nada me apanhou'. Chico explica pro amo o que aconteceu e Chico chama os Doutores primeiro, segundo e terceiro. O Doutor diz que Chico deve assoprar na bunda do boi e, depois que isso acontece, ele levanta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Comédias narradas por José Maria Moreira

Lá era o seguinte, a gente fez um carro, né? E esse carro, ele era chamado para a gente levar um pessoal para representar uma banda. Aí ia todo mundo nesse carro, né? Quer dizer, a gente fazia a carroceria dele grande, como um caminhão, e aí a gente botava os companheiros tudinho aqui atrás e tomava conta do volante, isso era comigo... A gente pegava só o aro da bicicleta e fazia bem feitinho. Eu que montava ele, em toda parte que a gente ia brincar, representar. Aí eu tinha esse trabalho... Na hora que ele chegava, aí tinha, a gente gravou uma fita, tudinho certinho aqui. Na hora que eu chegava, buzinando tal, o pessoal afastava, a gente chegava, aí que ia representar essa banda. O cara fazia o comentário tal, que tinha uma banda, e nessa que a gente roubava o boi. Enquanto a gente tava representando a banda com aquelas lambadas... No interior tinha aquelas lambadas boas do Pinduca, né? A gente aproveitava, fazia. Aquela que falava no veado, como era? Tinha uma música boa que dava certinho no jogo da palhaçada nossa. E aí nós terminava ela lá, que quando o cara ia sentir falta... 'Não, vambora cuidar aí, que nós tamos perdendo muito tempo'. O boi, que era na brincadeira dele. Aí que quando ele sentiu falta, cadê o boi? O caboclo já era aquele, que nós já saía com o carro, com tudo. Deixava só a despesa, já pra outro pagar. Assim que é. Quer dizer, que a turma gostava daquilo. Nesse pagamento já saía um macaco, um macaco é que vinha no lugar desse pagamento. Chegava lá, fazia espalhafato, e o palhaço metia a rede. Se é de bater no bicho dele, já batia era no capatá pra fazer graça. Aí era bom demais. Quer dizer que eles gostava, né? No bumba-boi sempre tem sempre os puxador de frente, pois é um desses assim, a gente trata ele assim, de capatá da fazenda.

Ainda me lembro de um pedacinho duma palhaçada que tinha, que a gente levava o cabra no saco.

- Rapaz, isso aqui é um saco de risada.
- Saco de risada!?
- Sim.
- Então desata aí.

Rapaz, quando desatava, era uma caveira medonha, não tinha jeito do cara não sorrir daquilo. Eu era moleque, eu olhando aquilo

Essa daqui desse ano foi, era uma banda também. A nossa banda. Era a do pica-pau, né? Dessa música do pica-pau que saiu. Eu era o baterista e aí tinha os dois dançarinos. Ficava a banda e tal, depois a gente já queria representar outros papel, aí era tempo que o cara cortava:

- Não, vocês vieram representar uma banda, não era isso aí.
- Não, mas o boi sumiu.

Não, nós não temos nada com boi, nós tamos com banda. E aí ficava naquela greve, era o tempo que chamavam a polícia.

Comédias narradas por José Ribamar da Hora

Nós tinha um boi aqui que servia dum toureiro. Aí o palhaço vinha jogar com esse toureiro. Aí fazia o contrato com o cabeceira. Se ele perdesse pro toureiro, ele dizia que aí ele não pagava e, se ele ganhasse, ele pagava. Quer dizer que aí que era um jogo de um palhaço com um toureiro. Esse boi aqui servia de um toureiro, ele jogava. Tinha uma batucada tipo de uma música. Agora tem o boi que representa, esse é outro. O toureiro é que rouba o boi.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Nós tamo brincando, aí ele vem, bate palma. O cabeceira tá cantando, a bateria tá batendo. Aí a gente faz aquela pausa. Já se sabe que é ele, aí ele vem dizendo que gostou daquela festa. Muita animação e ele viajando. Aí ele encosta pra vir saber, pra vir olhar. Aí ele, também gostando da festa, quer representar tal coisa. Ele encostou, o pessoal não pôde dar licença pra representar tal coisa. A comédia dele que ele tem. Se não der prejuízo na fazenda, a gente cede a vaga pra ele de acordo, que aquilo é uma palhaçada. Aí ele entra. O trabalho dele, quer dizer, depois ele tá trabalhando. De vez em quando um cabeceira canta uma cantiga, aí ele vai buscando cada coisa daquilo. De acordo com uma cantiga que o cabeceira canta, aí vai trazendo aqueles bichos, aquelas coisas. Aí vai fazendo o entusiasmo, quer dizer que o pessoal fica muito... Que é a graça da brincadeira. Dentro daí o boi some, aí o cabeceira chama o vaqueiro, capataz da fazenda. Aí ele vem: 'Rapaz, o que foi aqui na fazenda?' Aí: 'Sabe, meu patrão, o senhor sabe que nós temos um disfarce aqui na fazenda, depois que esse cidadão veio pra cá, pediu essa licença pra representar o trabalho dele, a nossa prenda desapareceu. 'É?' 'É'. 'Só chamando ele'. Aí o cabeceira canta uma cantiga aí, chamando ele. Aí vão buscar ele, os vaqueiros com as tapuias. Ele vem, aí dão que não foi ele. Então foi os companheiros, dá tudo certo de acordo com a brincadeira. Aí eles vêm quando é... Aí diz que paga um boi, quando o boi vem com feitiço de outro, não é mais aquele. Cada matança é mudado um couro.

Comédia narrada por Lourinaldo Ferreira

Vamos supor que tem um casal, tem o homem, tem a mulher e sempre tem que ter alguns bichos, ou então uma onça, ou então um cachorro, um macaco, ou então qualquer coisa. Que é pra ter mais animação no negócio. E aí, por volta disso aí é que às vezes o casal chega. Chega e pede assim um agasalho, assim lá na brincadeira pro comandante da brincadeira. Aí ele vai e concorda com a pessoa, mas não sabendo que ele tá pondo dentro da brincadeira dois maus elementos que são o marido e a mulher. E o nome a gente pode citar qualquer nome do palhaço e a esposa dele. Aí eles vão por lá e dormem por lá. Quando ele pensa que não, eles começam a roubar dentro da brincadeira. Quer dizer que é assim, aquilo tudo ali é uma brincadeira pro pessoal achar graça. Aí, de repente o boi da fazenda some. Aí eles vão mandar chamar o cidadão que teve lá com a esposa dele, que é pra pagar o boi. Pra pagar o boi e o cidadão às vezes dá uma de violento e não quer pagar. E aí, mas não é a violência assim, tudo faz parte da brincadeira, da comédia. Aí que ele vai chamar a vaqueirada dele todinha e dão uma prensa lá nele, que é pra ele pagar o boi que ele tinha roubado da fazenda. Aí ele vai e fala que ele tem um bicho de estimação. Tem um bicho de estimação, vai, pega, aí entra qualquer bicho, uma cabra, um cachorro, ou então uma onça, que é o jeito dele pagar o boi. Aí ele não se agrada do bicho que ele trouxe, que é pra ele pagar o boi dele em dinheiro. Aí ele vai, puxa o dinheiro e paga. Aí o vaqueiro vai, compra outro boi. Então, assim que mais ou menos que é a comédia do bumba-boi. Ela apresentada se torna mais bonita do que só a pessoa falando...

Comédias narradas por Luís Mauro Alves Silva

Começava assim. Aí na hora de começar a comédia, tinha uns palhaços que ia, fazia a comédia lá por lá e o cara ficava esperando qualquer sinal na hora de ir. Aí ele fazia a comédia, dizendo que tinha dança do boi, do toureiro, por lá ele desdobrava e ganhava o boi lá da fazenda. Aí vinha um dizer... Aí tinha um que se vestia todo de vermelho. Aí o toureiro tinha raiva de vermelho. Aí o toureiro ia passando o tempo todo jogando o pano por cima do toureiro, o pano vermelho, todo tempo desviando... E tinha um vestido de mulher e os outros vestidos de homem, homem dançando com homem e um brigava com o outro por causa da mulher que queria dançar. Aí o dono da fazenda não gostava, aí vinha outra.

Comédia do jacaré

Tinha o jacaré, o jacaré tava doidinho pra comer a cobra. Aí não dava, se abaixava, aí não dava. Ele saía atrás dos palhaços, atrás do dono do boi.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Morte-de-levantar narrada por Maria José de Queiroz

Pai Francisco atira no boi e ele morre. O patrão procura o boi e o vaqueiro diz que ele está morto. O patrão bate no vaqueiro que recorre a Dona Maria (também conhecida como carregadeira do santo, pois carrega na brincadeira uma imagem de São João Menino, é a personagem que representa a esposa do amo da fazenda), esta beija e acalma o patrão. O patrão manda o primeiro e o segundo vaqueiro trazer Chico, mas ele atira. Então, o patrão manda o primeiro e o segundo rapaz, que conseguem trazer Chico, Catirina e os Cazumbás. O patrão bate em Chico e pede o boi de volta. Catirina ajuda, assopra três vezes debaixo do rabo do boi até que ele urra. Chico queria tirar o fígado do boi pra Catirina.

Morte-de-terreiro narrada por João de Pixiláu

Inicia com o canto pra matar. Chico atira no boi. O amo chama o vaqueiro e pergunta o que aconteceu. O vaqueiro não sabe e diz que só o rapaz sabe, chamam o rapaz. O rapaz diz que só quem sabe é Chico. Vão atrás de Chico, mas ele atira. O rapaz diz pro amo que só o diretor dos índios pode ajudar. O amo chama o diretor e pede ajuda, ele ajuda, mas diz que tem que batizar os cabocos. O padre batiza os cabocos e eles trazem Chico, Catirina e o cazumba. Chico explica que queria tirar o fígado pra Catirina e o amo manda ele ressuscitar o boi. Chico chama os doutores - Doutor Quando é? (Da Juntaria, da Medicina) e o último diz pra Catirina soprar no rabo do boi e na terceira soprada o boi urra.

Palhaçada narrada por Raimundo Brito Correia

Eu representei uma palhaçada que eu mesmo fiz assim, que eu gostei. Assim, que eu acredito que uns e outros gostaram, era a palhaçada da Nega Maluca. Eu representei a palhaçada da Nega Maluca no Bumba-boi de Zé Hipólito. Uma porção de gente gostaram, uns e outros apoiaram. A palhaçada era o seguinte: a Nega Maluca, boneca que era a Nega Maluca. E aí o camarada assim que... Faz de conta que é a mulher e o outro aqui é o homem. Aí o camarada chegava cantando 'estava numa sinuca, uma Nega Maluca me apareceu. Vem com um filho no braço, dizendo pro povo que o filho era meu. Não senhor, fique que o filho é seu. Não senhor, fique, o que Deus lhe deu. Não senhor...' Aí é o seguinte, uns e outros começaram a gritar, o camarada vinha com a boneca assim, entregando pro cara, e o cara relaxando, dizendo que o filho era dela e tal. E aí aquela conversa, eles começavam a rir. Um palhaço era dono da sinuca.

Matança narrada por Raimundo Lima

Vinha um senhor, Bonitinho e Vendetudo. Bonitinho chegava na fazenda e apresentava Vendetudo. Aí Vendetudo, com autorização do capataz da fazenda e com 'os patrão' lá da brincadeira, dono da fazenda, liberava Vendetudo pra fazer a festa dele, né? A venda dele, aí Vendetudo vendia as coisas lá na fazenda. Aí quando, da última vez que ele fez a venda dele, aí ele levou o boi da fazenda, aí 'os capataz' da fazenda, os vaqueiros sentiram falta do boi e foram avisar o patrão. Aí eles mandaram chamar Bonitinho pra ir atrás de Vendetudo que era pra Vendetudo dar conta do boi. Aí Vendetudo foi chamado na fazenda, se apresentou lá muito bem, pagou o valor do boi. Aí justamente foi, já veio com outro boi. Aí foi que eles liberaram ele. O final da matança foi assim.

Palhaçada narrada por Raimundo Rodrigues

Teve uma palhaçada que fizemos com um pajé. Eu entrava como palhaço-chefe e falava com o cabeceira que eu queria falar com o cabeceira. Aí essa brincadeira era uma pajelança. Tinha o pajé, que era o palhaço principal e os outros companheiros. Nós fazia a pajelança e nós levava o boi junto, pra nós pagar o boi. Nós pagamos com uma caipora. Depois da caipora, nós botamos um leão, uma onça e um macaco, aí foi que nós conseguimos rematar a palhaçada. Fazia a brincadeira da onça, com o macaco e o leão, todo mundo mascarado e vestido de macacão, cada um com o seu bicho. Leão com pelo, onça era pintada e o macaco tinha rabo. Tinha também um cachorro pra acuar os bichos. Quando nós saíamos, aí eles me chamavam pra mim pagar o boi. Aí eu pagava dois bois, um por palhaçada, porque já era os juros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Comédias narradas por Valdinar Barbosa Araújo

A gente sempre faz duas. Uma na compra do boi e outra no urro. É na compra do boi e depois da compra do boi, brinca, faz outra comédia, aí vem o urro. Na primeira parte, na primeira comédia que a gente faz é uma compra. 'Vai comprar o boi, vaqueiro!' Aí passou, o pessoal fica já pra 2 da manhã lá no interior. A gente faz outra comédia, o boi não vai ser roubado nem morto. Leva, muda o couro do boi, aí a gente chega e conversa com gerente da fazenda, que a gente tinha um boi, muito bonito e o boi urrava que alegrava toda a vaquerama, e esse boi chegou. Agora, com uma diferença, que esse boi não urra. Aí o gerente manda o boi urrar, aí o cantor canta o urro do boi. Tem os vaqueiros e tem o gerente da fazenda, que manda os vaqueiros. A gente costuma aqui todo bumba-boi ter essas duas comédias.

Nós fizemos uma comédia, era o seguinte. Aí a gente tava brincando numa porta, aí chegava um rapaz, um palhaço. Ele chegava e pedia licença se era possível a gente conseguir um espaço para ele, que ele também era fanático por festa, ele tinha uma festa. Aí a gente procurava qual era o tipo da brincadeira dele, ele dizia que tinha uma banda, tinha as bailarinas dele, ele dizia que tinha uma banda, era uma banda de forró. Então a gente vai conseguir um espaço pra você. Aí então ele vinha dançar, trazia, apresentava, já tinha o microfone, tinhatudo. O pessoal, ele cantava, o pessoal dançava, fazia as bateria deles, tudinho. Aí dançavam bem. Aí eu perguntava se ainda tinha alguma coisa, que os momentos dele tavam terminando, os minutos dele tavam chegando ao final. Ele dizia 'não, senhor, agora não pode, agora é que eu tinha coisa pra apresentar, eu vou apresentar o bom, o bom ainda não apresentei'. Então tá certo, então só quero mais uma música. Então ele cantava aquela música do pica-pau. Aquela 'Xô pica-pau', é um forró, né? Aí ele vinha, era onde ele trazia o pica-pau pra dançar. Aí o pessoal gostava muito, davam aquelas risadas todinhas, aí saía. Na saída, que o pica-pau ficava lá dançando, ele saía, levava o boi. Aí levava o boi. Aí ia embora, e ficava um rapaz lá. Aí a gente sentia, aí é que o gerente da fazenda vinha falar pra mim: 'Ah, patrão, eu tô achando uma, com aquela festa que o senhor falou, porque sempre o gerente da fazenda ele não concorda comigo. Quando chega uma pessoa, que ele vem apresentar uma comédia, ele não concorda.' Mas senhor patrão, não faça isso. Eu não concordaria. Porque a gente já sofreu muito, por causa dessas coisas'. E eu 'eu vou aceitar'. Aí ele leva o boi, aí fica outra pessoa. Aí eu mando acusar essa pessoa a saber quem foi que levou o boi. Aí mando chamar ele, ele diz que não levou. Aí a gente acusa, ele abre o jogo que foi ele que levou o boi, mas que ele também tem condição de pagar o boi, certo? Aí é que ele traz esse jacaré. E bota esse jacaré pra treinar, o jacaré corre atrás de um, corre atrás do outro, derriba criança, criança cai. Aí com essa, que eu não me agradei do jacaré, aí ele é obrigado me pagar o boi. O boi é dinheiro, aí é que o cantor, ele expressa a toada, que o vaqueiro ir comprar um boi. Aí o vaqueiro vai, aí que o boi já vem com outro couro. Aí, quer dizer, termina a comédia. A partir do momento que eu não me agrado do jacaré que ele trouxe, que não é um boi, é um bicho, uma fera, aí ele me resolve trazer um boi.

Nós apresentamos uma vez uma comédia dum toureiro. A gente tava brincando, chegava um rapaz. Tá bom, ele chegava, batia palma e pedia licença. Que ele tava andando de fazenda em fazenda, que tinha um boi que lutava. Se nós não queria fazer uma aposta com ele, apostar com ele. Pra nós botar nosso boi pra lutar com o dele. 'Rapaz, até que nós não temos, nós só temos um boi aqui na fazenda, a gente não tá querendo isso. Mas, já como é um esporte, e o povo daqui do Maranhão gosta, da Baixada, gosta de ver luta de toureiro, e a gente... Nós vamos fazer'. Ele disse aí 'eu tenho um toureiro, tenho tudo completo'. Aí ele vinha, trazia o toureiro, um cabra vestido com vestimenta toda vermelha, um pano branco amarrado na cabeça. E ele trazia a acompanhante dele, trazia uma mulher e um filho. E aí eles iam lutar. E aí ele resolvia já não botar mais o boi dele, ele já queria lutar, ele resolveu ele mesmo lutar. Então ele fazia, ele vinha e lutava, lutava, até que ele perdia, o toureiro, não resistia, perdia, o cara do bumba-boi que apresentava o boi, brabo, se zangava, fazia que batia na mulher e no menino, e o menino se agarrava na mulher, e saía aqueles gritos, aí o pessoal achavam graça e assim que é, dessa forma.

Comédias narradas por Wanderson Pereira da Hora

A gente chegava, começava a brincar. Ele chamava nós. Meu nome era O Homem do Peixe. Aí eu chegava, já tinha um jacaré lá. Nós chegava, eu vinha trazendo uma cobra dentro da caixa pra mim vender. Essa cobra eles pensavam que era peixe. Aí eu chegava, vendia a cobra dentro numa caixa de peixe. A mulher ia pegar pra escarnar o peixe, não era peixe, era uma cobra. Aí elas corria atrás de mim. Aí daí eles me pegava, pegava uma faca e começava a tirar meu couro. Até o fato, eles assim um fio, trazia na mão assim, botava aqui, cortando assim, e botando o negócio pra dizer que era o fato. Daí saía todo mundo e começavam a bater de novo... A mulher mandava o jacaré vir correr atrás de mim.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01**

Tinha o touro, o pica-pau e o Mimo do Gapó. O Mimo era Raimundinho, o pica-pau era eu e o toureiro era Maurinho. Mimo do Gapó era uma cabeça dum bode e o corpo duma jabota. Chegava, aí chamava o Mimo, o Mimo começava a brincar lá. Brincando, brincando. Aí depois botava a música do pica-pau e eu chegava debaixo do pica-pau, balançando as asas: 'Xô pica-pau, xô pica-pau, tu não belisca meu pau. Xô pica-pau...' Aí eu chegava, começava a correr atrás dos palhaços, e aí daí eu ia. O toureiro brincava lá atrás do touro.

Comédias narradas por José Hipólito

Eles representam aquela comédia, aí vem, pede licença pra fazer uma festa. Já por dentro da festa do bumba, aí tem que ter aquele debate até dar licença pra ele. Aí eles faz aquela festa, e naquela festa que eles faz eles roubam o boi, pra poder fazer a troca do couro. Aí roubam, aí já se manda prender aquela turma e tal... Fazer uma prisão. Eles vêm, fazem aquele debate, até chegar o ponto deles resolver pagar o boi. Aí vem já com outro estilo, já, outro couro, cada vez melhor. Aí vai fazendo aquelas comédias, remodelando o couro, cada vez melhor...

Eles começam, digamos assim, eles vêm trazendo uma música quando dá; quando não dá eles trazem um gravadorzinho com aquelas fitas de música pra botar pra tocar, pra eles dançar. Aí a gente acompanha no batuque do bumba, acompanha, eles dançam. Nessa dança que eles tão ali, já um já sai, rouba o boi, o vaqueiro não sabe nem que horas; aí com essa nós dá falta, a gente vai com o vaqueiro, pra saber que a gente entrega, né? Aí o vaqueiro já vai dar a desculpa dele, que foi aquela turma que tá lá, que de lá eles desapareceram e tal, que tem que chamar atenção... Vai um depoimento deles com a delegacia, um cartório, uma coisa assim. Tem que fazer aquele depoimento. Aí eles chamam e vem, eles dão desculpa que não foi eles. A gente bate em cima até ter um que descobre: Fulano, foi Sicrano, e a gente manda prender, bota ele de castigo, tem tudo isso. Bota ele de castigo, dá uma prisão, faz um 'anjinho', bota no dedo deles. Aí aparece mais uma Mãe Catirina, que é mulher deles lá, já diz que eles levaram porque ela tava buchuda e desejou comer a carne do boi, e mataram. Aí, não tem outro pra pagar. Já o boi, ele vem com outro couro, barra, tudo mudadinho; então é outro. Eu tenho dois bumba. Aí, quando vem, eles já vêm fazer a entrega. Aí recebe, de acordo quando bota pra urrar, pra saber se é o mesmo. Aí vai imitar o da fazenda. Quando não dá, que eles começam com safadeza, aí dá de volta, bota o boi pra miar, qualquer coisa. Aí nêgo dão de cima até quando ele urra no certo. Aí a gente canta o urrou, bota pra levantar e bota pra rolar. Muda o couro três vezes, aí ainda rola um bocado com ele, que nós tamos com o sistema de dois bumbas. Aí troco, desse daí vai fazer outra comédia. Aquele vai, vem outro. Eu tenho um maior, outro menor.

A outra história já é um tambor de crioula que tem. Quando não é esse, é um tambor de pajelança, cura. Fulano, Sicrano, aí aparece um tremendo por ali, todo doente. Aí o cara vai curar ele. Na hora cobra o pagamento, ele já não tem o dinheiro. Já tem uma polícia por ali, já agarra, leva ele na tapa, ele sai de carreira. Aí fica nessa danação. É engraçado, o povo acha graça demais. Às vezes é um vaqueiro, ele tá doente e tal. A gente manda chamar um pajé pra fazer um curá. Ele vem todo fardadão, traz o tambor de mina, aí rola, rola e vai curar e tudo. Lá o vaqueiro ficou bom, aí tem que pagar... Aí nessa pajelança o vaqueiro chamou o pajé, nessas alturas lá o boi desaparece de novo. Aí vão culpar já aquele feiticheiro que passou por lá, aí adoeceu o vaqueiro pra poder roubar oboi, e é essa que é a desculpa. Aí chama ele, manda prender, traz, aí até que ele descobre. Aí ele vai ter que pagar... É, nessa hora foi o feiticheiro que enfeitiçou o vaqueiro, vaqueiro ficou tonto, ele carregou o boi e levou, antes da pajelança. O pajé descobre que o vaqueiro ficou doente porque foi um feiticheiro lá, e discutiram e tudo mais, aí ele enfeitiçou ele. Aí eles vão procurar o boi na fazenda, ele não tá. Já o feiticheiro já tinha roubado o boi. Aí o feiticheiro tem que pagar o boi, pagar o curativo do vaqueiro que ele adoeceu, tudo isso. Ele só escondeu o boi, mas quando ele vem, já tá como ele já pagando outro boi porque já vem com outro couro. Aí quando não é, e se quiser, a primeira pra ele trazer o boi com urro (vivo); na outra, já ele não tem o boi, diz que não tem o dinheiro, ele paga, a gente cobra tanto pelo boi, ele dá aquele dinheiro, a gente dá pro vaqueiro fazer compra de outro boi. Aí é o tempo que eles tão mudando o couro do boi. O outro boi já é o que o vaqueiro comprou lá na fazenda. Depois que esse boi chega, o vaqueiro faz entrega. Ele vem cantando, os vaqueiros tudinho, aí eles chegam, faz a entrega, a gente recebe o bumba-boi e bota pra urrar pra ver se ele tá normal.

Versão corrente do 'auto do bumba-meu-boi'

Certo dia, um escravo da fazenda, chamado Pai Francisco ou Nêgo Chico, atendendo aos incessantes apelos da esposa Catirina, decide matá-lo e arrancar-lhe a língua, iguaria com a qual ela satisfaz seus desejos de mulher grávida. Descoberto o crime, Chico é perseguido pelos homens do fazendeiro, auxiliados pelos índios, exímios conhecedores da terra. Quando capturado, é submetido a terríveis castigos físicos e, para não pagar com a sua a vida tirada do boi, é forçado a trazê-lo de volta ao convívio da fazenda. Nessa tarefa árdua, recebe ajuda de doutores e pajés, até que, finalmente, depois de tentar muitos artifícios, faz com que o animal ressuscite, para alegria geral e alívio de suas punições.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****9.3. CRONOLOGIA**

DATA	DESCRIÇÃO
Décadas de 1940 e 1950	Introdução das zabumbas nas brincadeiras de Boi da região de Guimarães. O palhaço Antônio Vieira informa que nessa época ainda não se usava zabumba no bumba-meu-boi em que ele participava. Para fazer a música da brincadeira, usava-se um instrumento improvisado com duas buraçangas (instrumentos de bater rede), feitas com um pedaço de pau e cordas e fios amarrados. Somente mais tarde (não sabe precisar quando), foram introduzidas as zabumbas nos bois da localidade.
Décadas de 1940 e 1950	As performances cômicas do bumba-meu-boi atraíam mais espectadores. Segundo grande parte dos entrevistados, antigamente as pessoas do interior valorizavam mais a brincadeira do Bumba-meu-boi, reuniam-se todo sábado para ver os ensaios e apresentações dos grupos locais. Hoje em dia, muitos se queixam de que só os mais velhos ainda apreciam a brincadeira, pois os jovens só se interessam pelas radiolas. “Nesse tempo, a gente saía pra apreciar uma matança. Na porta, ficava uma distância de gente, assistindo a matança. Era tão boa, apreciada, todo mundo gostando da brincadeira de bumba-boi. Agora, bota um aparelhão medonho desse tamanho aí (radiolas de reggae)” (Depoimento do palhaço Antônio Vieira).
Décadas de 1940 e 1950	No interior, nessa época não havia carro para transportar os brincantes entre as cidades e povoados onde se realizavam os ensaios e as apresentações. Todo o deslocamento era feito de barco, ou a pé, e às vezes levava dias de caminhada pelo mato e pelas estradas da região. Hoje em dia a maior parte do transporte de brincantes é feita em caminhões, picapes e carros.
Década de 1970	Marco do processo de valorização do Bumba-meu-boi como atração turística em São Luís. Introdução de elementos modernizantes na brincadeira. Início do processo crescente de comercialização das apresentações de boi. Muitos brincantes associam esse período ao início do processo de perda de importância das performances cômicas na brincadeira do Bumba-meu-boi, especialmente na capital.
Década de 1990	Proliferação das radiolas de reggae Atualmente, as radiolas - grandes equipamentos para reprodução de música eletrônica - se espalharam por toda a região, tocando em volumes tão altos que atrapalham o som e as performances executadas no Bumba-meu-boi, impedindo que o público ouça bem as piadas que são contadas pelos palhaços. “Hoje em dia, o aparelho tomou conta da festa do bumba-boi” (Depoimento do palhaço Antônio Vieira).

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

A encenação das performances baseadas em narrativas cômicas - autos, matanças, comédias, palhaçadas etc. - é, em si mesma, o fim da atividade dos palhaços. Um repertório de narrativas colhidas no âmbito deste inventário é apresentado no item 9.2.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
Seleção das histórias a serem encenadas	Cada autor apresenta sua(s) história(s) para os companheiros, para avaliação do grupo. A história é apresentada primeiramente aos outros palhaços que tomam parte da representação e, em seguida, aos demais brincantes do grupo. Para ser levada a cabo, ela deve ser aprovada coletivamente. Se julgar necessário, o conjunto pode sugerir modificações no texto para melhorá-lo. Fazem-se as alterações acordadas e, a partir de então, as tramas aprovadas passam a ser ensaiadas. Como explica o palhaço Carlos Augusto Santos: "Eu monto meu trabalho, chamo meus companheiros e mostro meu trabalho. Agora sempre eu gosto de tomar uma opinião. Agora eu quero que vocês escolham a parte que vocês vão querer. Eu não tiro aquela parte melhor pra mim não. Cada um vai tirando a sua".
Ensaaios	Depois de aprovada a história, seu criador se torna o 'chefe da matança' e, nessa função, coordena a encenação, geralmente assumindo um personagem central na representação. Com os companheiros de palhaçada e toda a turma do Bumba-meu-boi, passam a ensaiar as cenas e falas da história. Normalmente os ensaios ocorrem aos sábados à noite, a partir do mês de maio. No entanto, no interior não costuma haver regularidade na frequência de realização dos ensaios, podendo estes ser bastante espaçados até o mês de junho, quando intensificam-se os encontros do grupo.
Apresentações	Realização das performances para o público em geral. Nessas apresentações, os palhaços fazem uma ou mais matanças - histórias que foram concebidas e ensaiadas pelo grupo. Ocorrem principalmente no período de 23 a 30 de junho.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Palhaços	Também conhecidos como palhaceiros, chefes-de-matanças, Pais Franciscos, Catirinas, Chicos, entre outros nomes que recebem a cada ano, de acordo com as narrativas representadas. São os principais autores e atores das performances. Atuando em equipes, desenvolvem os papéis cômicos das representações, procurando ludibriar o dono da fazenda a fim de roubar/matar o boi.
Amo	Também chamado patrão ou cabeceira, representa o dono da fazenda e do boi. Pode ter um sócio. Contracena diretamente com os palhaços, interrogando-os e punindo-os quando estes roubam/matam seu boi.
Índios e Índias / Tapuios e Tapuias	Entre eles há a figura do Diretor dos Índios, sob cujas ordens os índios perseguem e capturam os palhaços acusados do roubo ou da morte do boi, trazendo-os diante do patrão.
Cazumbas ou Cazumbás	Mascarados que podem assumir funções cômicas nas performances. Em bois da região de Viana é comum que os cazumbas substituam a figura dos palhaços e que um deles assuma o papel de algoz do boi.
Vaqueiros	Empregado da fazenda. Contracena com os palhaços e o patrão, intermediando o contato entre eles. É quem cuida do boi, evoluindo junto com o brincante que dança sob a carcaça do animal.
Rajados, Bailantes, Músicos, Dona Maria (carregadeira do santo), conserveiras, regentes	Não estão diretamente envolvidos na encenação das histórias cômicas do Bumba-meu-boi, mas participam da brincadeira ajudando na sua organização, dançando, cantando e tocando instrumentos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES**

DESCRIÇÃO	Barracão e sede do boi, quando há.
QUEM PROVÊ	Normalmente, é o dono do boi.
FUNÇÃO	Local onde se realizam encontros e ensaios do grupo de brincantes, entre os quais os palhaços.
DESCRIÇÃO	Dinheiro para aquisição do boi, da indumentária dos brincantes, dos instrumentos musicais, pagamento de transporte e alimentação de brincantes etc.
QUEM PROVÊ	Normalmente, é o dono do boi, o pagador de promessa ou contratador para quem o boi brinca.
FUNÇÃO	Aquisição e/ou manutenção de itens indispensáveis à realização da brincadeira.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Em geral consomem-se bebidas alcoólicas - conhaque, cachaça, vinho - e refeições à base de peixe, carne, camarão, feijão, arroz, farinha, macarrão, entre outros itens.
QUEM PROVÊ	O personagem do palhaço não está envolvido com esses aspectos da brincadeira, que ficam a cargo do dono do boi ou do contratador da apresentação do grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação da turma de brincantes durante as apresentações.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS

DESCRIÇÃO	Diversos cenários, com os mais diferentes elementos, podem ser improvisados de acordo com o tema de cada performance.
QUEM PROVÊ	Os próprios palhaços e demais brincantes dos grupos de Bumba-meu-boi.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compor o ambiente cênico de cada performance.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Roupas de mulher: saia, blusa, vestido. As roupas são velhas e surradas.
QUEM PROVÊ	Os próprios palhaços ou outros brincantes do grupo. Às vezes, mandam fazer na região ou pegam emprestadas com uma mulher.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Figurino dos personagens femininos.
DESCRIÇÃO	Roupas de homem, geralmente calça e paletó bem velho, sujo, rasgado, mas podendo também ser composta de outros itens, como macacão, macacão de fôfão (personagem típico do carnaval de São Luís).
QUEM PROVÊ	Os próprios palhaços ou outros brincantes do grupo preparam suas roupas. Normalmente são roupas de uso diário, já gastas e rasgadas, que são remendadas ou adaptadas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	04	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Caracterizam os personagens masculinos das tramas e podem ser escolhidas em função dos deles e do tema da matança ou do auto representado. Por exemplo: um médico pode vir de roupa branca; um executivo, de calça e paletó; um mendigo, com roupa rasgada.
DESCRIÇÃO	Máscaras de plástico ou borracha.
QUEM PROVÊ	São compradas em São Luís pelo brincante ou por terceiros.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Usadas pelos palhaços, que normalmente se apresentam com o rosto coberto. Representam bichos, assombrações, pessoas públicas, entre outros personagens.
DESCRIÇÃO	Caretas artesanais, feitas com pano, barro e outros materiais.
QUEM PROVÊ	Feitas pelos próprios palhaços, brincantes ou por artesãos da localidade/região do boi.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Usadas pelos palhaços, que normalmente se apresentam com o rosto coberto. Podem representar bichos e assombrações.
DESCRIÇÃO	Acessórios diversos improvisados ou de uso diário: espingardas de pau, paneiros para carregar alimentos, pastas de papel, balanças de madeira, celular de brinquedo, mesa, potes, facas...
QUEM PROVÊ	Feitos ou comprados pelos próprios palhaços ou outros brincantes do boi.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Há um sem-número de acessórios que podem ser utilizados em cena, de acordo com a história que é representada e com a caracterização dos personagens.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Cada grupo de bumba-meu-boi dança num ritmo próprio, de acordo com os estilos musicais que pratica. No grupo, diferentes personagens executam coreografias particulares. Os palhaços não necessariamente dançam nem têm uma coreografia própria. Alguns o fazem e outros não, dependendo do contexto da trama encenada.
QUEM EXECUTA	Os brincantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	No caso dos palhaços, os passos de dança executados remetem a passagens específicas das tramas encenadas.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Toadas são as músicas cantadas pelos atores das performances, especialmente pelos amos que são também cantadores. Alguns palhaços também cantam toadas que remetem a passagens das tramas representadas.
QUEM PROVÊ	Os próprios brincantes compõem e cantam as toadas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Uma determinada seqüência de toadas marca momentos específicos das performances.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Embora a música faça parte constante das performances, o toque de instrumentos não está diretamente associado aos personagens dos palhaços e amos de Bumba-meu-boi.
QUEM PROVÊ	O conjunto de músicos de cada grupo de Bumba-meu-boi é responsável por executar suas performances musicais.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Nas apresentações de Bumba-meu-boi a música e as encenações dramáticas são alternadas, constituindo uma performance única.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO**

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Palhaços	Após a encenação das tramas, a equipe de cômicos normalmente se ausenta da apresentação ou passa a ocupar outras posições no grupo.
Demais brincantes, as conserveiras, o dono ou outros responsáveis pelo boi.	Troca do couro do boi após a realização de cada matança. O novo couro caracteriza a entrada em cena de um novo boi, que, geralmente, é pago pelos palhaços em troca do boi que roubaram do dono da fazenda.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☒		ESPECIFICAR A apresentação pública das performances cômicas no Bumba-meu-boi é o próprio fim da atividade dos palhaços.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☒ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Normalmente, os palhaços e demais brincantes de Boi não têm participação direta em associações ou cooperativas. No entanto, atualmente muitos grupos de Bumba-meu-boi assumem a forma jurídica de associações e sociedades civis, envolvendo assim seus participantes.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Bumba-meu-boi do Maranhão	
Ofícios de armação e bordados do Bumba-meu-boi	

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Ver Anexo 1: Bibliografia.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 04 F40 01****15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS**

Registros sonoros:

Diversas gravações de depoimentos em fita K7 (ver Anexo 2: Registros Audiovisuais)

Vídeos:

CARVALHO, Luciana. Depoimentos de Herbert Mafra Reis.

CARVALHO, Luciana. I Fest Boi de Orquestra.

CARVALHO, Luciana. Batizado do Bumba-meu-boi da Fé em Deus.

CARVALHO, Luciana. Matanças do Boi de Emídio.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Diversos registros foram identificados e produzidos no âmbito deste inventário. Ver Anexo 2: Registros Audiovisuais.

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO****16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA**

Ver Ficha de Identificação de Celebrações: Bumba-meu-boi do Maranhão.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Com base neste inventário, recomenda-se o registro do bem inventariado 'Autos e Matanças do Bumba-meu-boi do Maranhão' no Livro de Formas de Expressão do Iphan, com a seguinte justificativa:

Observa-se que no interior do Maranhão a realização de performances cômicas no Bumba-meu-boi é ainda uma atividade bastante executada e apreciada pela população local. No entanto, esse fato permanece pouco conhecido pelos órgãos públicos de cultura, que, em geral, concentram ações na capital e raramente dispensam aos grupos que desenvolvem as referidas performances qualquer tipo de apoio ou incentivo para a realização das mesmas.

Na capital, observa-se um processo de desvalorização das tradições e práticas dramáticas e narrativas necessárias à realização das performances cômicas do Bumba-meu-boi. Por um lado, a atual distribuição de contratos para exibição dos grupos de Boi, sobretudo no período junino, limita em muito as condições de tempo e espaço - e por consequência a liberdade de criação - para realização de suas apresentações, basicamente compostas de música e dança. Por outro lado, provavelmente em função desse processo - que vem ocorrendo desde os anos 1970 - percebe-se que são os brincantes mais idosos a minoria que ainda cultiva ou guarda na memória o gosto pela encenação de autos e matanças do Boi. Muitos brincantes, no entanto, não têm interesse ou condições de executar ou ensinar as técnicas de realização das performances a outros: alguns não se lembram mais ou não se sentem mais capazes de criar histórias para serem encenadas; os mais jovens preferem aprender a dançar; outros são tolhidos de representar em público suas criações porque o estilo de apresentação que deve ser feita nos arraiais não o permite. Diante dessa situação, embora alguns órgãos de cultura, a fim de "recuperar e preservar" as performances que usualmente estão associadas às formas consideradas mais tradicionais da brincadeira, tenham passado a solicitar a encenação de autos e matanças nas apresentações contratadas para os arraiais, muitos grupos relutam e preferem apresentar apenas sua dança e música. A justificativa apresentada por Marcelino Azevedo, dono do Bumba-boi de Guimarães, que, no interior, costuma encenar matanças, traduz um pouco do sentimento geral:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	04	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

“Eu fui exigido de fazer este ano, a matança. Eu fui chamado pra São Luís pra Fundação de Cultura, a FUNC, do prefeito. Eles me disseram ‘Marcelino, o auto, você vai receber R\$ 1.200,00. Sem auto, você vai receber só R\$ 1.000,00. Eu achei mais interessante eu receber R\$ 1.000,00 sem o auto do que R\$1.200,00 com o auto. Porque o auto da brincadeira é difícil pra gente fazer. Eles que acham que só R\$ 200,00 dá pra cobrir esse tempão que a gente gasta. 2 horas pra fazer o auto na brincadeira. Então, se eles me dão R\$ 1.000,00 pra fazer uma hora, até 45 minutos, eu vou fazer 2 horas de brincadeira com o auto? É tempo que eu já tô em outro arraial, ganhar outros R\$ 1.000,00. Eu não fiz nenhuma, eu fiz só sem auto (...) Eles têm que oferecer mais dinheiro pelo auto da brincadeira. Assim, fica passageiro, todo mundo sabe fazer, o povo não tá exigindo pra fazer. Eu não faço também”.

O processo de registro do referido bem poderá constituir oportunidade de reconhecimento público e oficial da importância dessa forma de expressão tradicional e bastante particular do Bumba-meu-boi do Maranhão.

Recomenda-se também o registro do bem inventariado ‘Bumba-meu-boi do Maranhão’ no Livro de Celebrações do Iphan.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Questionários de Identificação Formas de Expressão, respondidos por José Ribamar da Hora, José Maria Moreira, Elídio Brito, Raimundo Brito Correia, Valdinar Barbosa Araújo, Wanderson Carlos Pereira da Hora, Raimundo Rodrigues, Lourinaldo de Jesus Ferreira, Luís Mauro Alves Silva, Antônio Vieira, Valter Silva, Guilherme Fernandes, Carlos Augusto dos Santos, Herbert Mafra Reis, José Sinésio Mendonça, José Lauro Ferreira, Domingos Serra Mendonça, Benedito Soares, João Batista Cunha Silva, Raimundo Lima, José Goulart, Marcelino Azevedo, Maria José Queiroz, Alda Maria Pereira.				
PESQUISADOR (ES)	Luciana Gonçalves de Carvalho, João Rubens Rabelo Carvalho, Jandir Silva Gonçalves, Flávia Andresa Oliveira Menezes.				
SUPERVISOR	Letícia Vianna				
REDATOR	Luciana Gonçalves de Carvalho				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho				02/20/04